

INTRODUÇÃO

Análise do Discurso

Disciplina que trabalha a formação discursiva dos textos e propõe a idéia de que um discurso é tecido a partir do discurso do outro. Busca sempre associar uma enunciação a certo lugar social.

A corrente francesa da **Análise do Discurso** (AD) tem se estabilizado nestas últimas décadas. Várias pesquisas têm proliferado aqui no Brasil como repercussão e aceitação de suas propostas de análise.

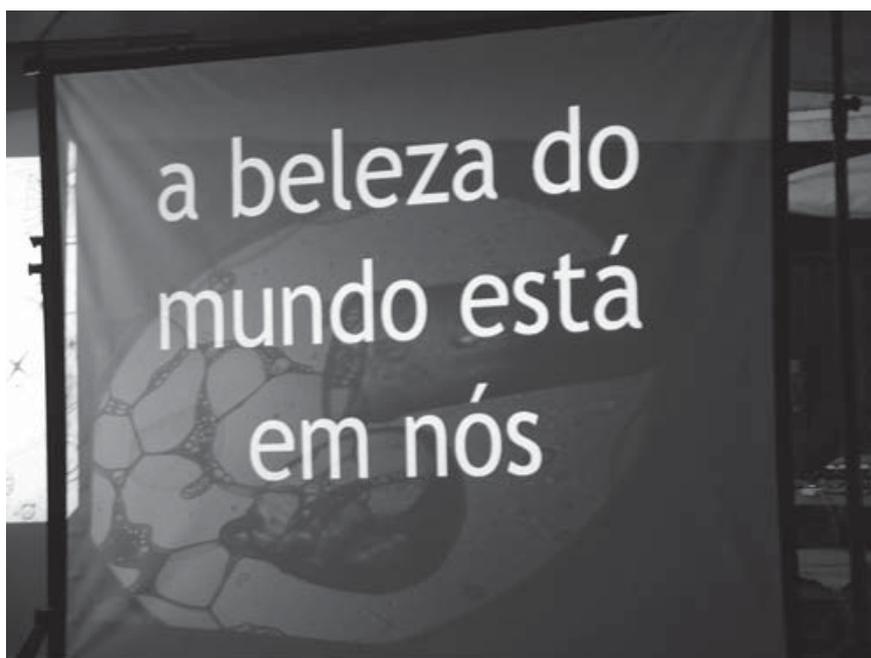
Mas quais são essas propostas?

É claro que não pretendemos dar conta da AD em uma aula. Na verdade, esta é apenas para lhe situar quanto à existência desse tipo mais avançado de estudo.

A Análise do Discurso trata do discurso através de uma compreensão da língua como resultado da materialidade da ideologia. O discurso é visto como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Como diz Orlandi:

A primeira coisa a se observar na Análise do Discurso é que ela não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua do mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2005, p. 15).

Assim a AD não trata da língua como objeto da Linguística (sistema abstrato), mas como língua aspecto necessário para tornar as ideologias materializadas, verbalizadas.



Projeção (Fonte: <http://flaviavivacqua.files.wordpress.com>).

ANÁLISE DO DISCURSO

Bem, situar vocês em relação à gênese da Análise do Discurso (AD), não é fácil, pois teríamos que voltar muito no tempo e nas várias concepções de língua e linguagem e, mesmo assim, apontar a AD como um caminho que segue várias vertentes e, por isso, inacabado.

Os formalistas russos tiveram um papel importante nesta trajetória quando procuraram descrever os mecanismos que ligavam uma frase à outra, ou seja, quando indicaram um caminho para a análise transfrástica. Nos anos 50, destacaram-se os trabalhos de Harris (Discourse Analysis, 1952), apresentando uma análise com base no distribucionalismo americano; e os de Jakobson e Benveniste sobre a enunciação, este último se destaca ao inserir o **sujeito** no processo da enunciação.

A vertente da AD, na França, irá surgir, em fins da década de 1960, época em que o estruturalismo ainda predominava nas concepções linguísticas. Pêcheux se apresenta como um grande articulador deste novo paradigma de se conceber a língua. Seu objetivo era intervir teórica e cientificamente no campo das ciências sociais.

Veja o que diz Ferreira em relação ao surgimento desta nova disciplina:

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (...) A AD recorta, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da linguística imanente, que se centra na língua nela e por ela mesmo, e também nas demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento de explicação de textos.” (FERREIRA, 2005, p. 15)

Por estar em uma conflitante com a Linguística, a Análise do Discurso divide-se em duas perspectivas teóricas:

1. AD liga-se à Linguística - perspectiva americana
2. AD que extrapola o campo da Linguística, buscando conceitos exteriores a este domínio - perspectiva européia.

Na perspectiva americana, o texto é concebido de forma redutora. O sentido é buscado apenas através dos elementos lingüísticos. Investia-se tão-somente em analisar as formas de organização dos elementos que o constitui (herança da análise distribucional).

A Análise do Discurso na perspectiva européia valoriza a relação que existe entre o dizer e suas condições de produção, ou seja, sua exterioridade, articulando o lingüístico com o social, com a história e a memória.

Como mencionado anteriormente, a AD, nesta perspectiva européia, toma conceitos exteriores ao campo lingüístico, entre eles podemos citar o conceito de ideologia.

Sujeito

É aquele que existe socialmente, marcado por uma ideologia. Não se apresenta como fonte absoluta de sentido, por ser marcado por outras falas que o constituem.

CONCEPÇÃO IDEOLÓGICA MARXISTA

Iniciaremos este tópico chamando atenção para o que afirma Eagleton (1997, p. 171): “O termo “ideologia” é apenas uma maneira conveniente de classificar em uma única categoria uma porção ideológica das classes que detêm o poder passa a ser o único discurso vigente e legitimado.

Vejam como Eagleton se pronuncia sobre este assunto:

O trabalho de Voloshinov e de Pêcheux abriu caminho para uma linguagem fértil e variada da análise do discurso. Boa parte desse trabalho examina como a inscrição do poder social na linguagem pode ser rastreada em estruturas lexicais, sintáticas e gramaticais – de modo que, por exemplo, o uso de um substantivo abstrato ou uma mudança do modo ativo para o passivo podem servir para obscurecer a agência concreta de um evento social de maneiras convenientes para os interesses ideológicos dominantes (Eagleton, 1997, p.173)

Exemplos de discursos ideológicos amplamente difundidos são os político, religioso, de propaganda. Por que eles são apontados como tal? A questão é que para seu ‘bom’ funcionamento, estes discursos fazem um recorte da realidade e o passam como sendo a única e verdadeira visão de mundo.

Aconselho vocês a lerem o livro de Althusser já mencionado. Nele vocês encontrarão a visão de ideologia e seu papel nas relações sociais. O sujeito é visto como moldado pelas ideologias de classes, mas ao mesmo tempo não tendo esta concepção de assujeitamento, tendo a impressão de serem agentes livres. Como elementos dos aparelhos ideológicos do estado, Althusser enumera várias instituições como a família, a igreja e a escola, entre outros.

A produção de sentido é ideológica porque todo signo é ideológico (Bakhtin, 2004) e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica. Por consequência, assim como a palavra, o discurso não pode ser desvinculado “da situação social mais imediata ou do meio social mais amplo” (Bakhtin, 1992, apud AMARAL, 1999).

Com esse mesmo pensamento, Michel Pêcheux, 1988, (apud AMARAL, 1999, p. 25), afirma que o sentido das palavras não pertence à própria palavra, não é dado diretamente em sua relação com seu sentido literal; “ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.



Capa do álbum Ideologia - Cazusa, 1988. (Fonte: <http://www.dissonancia.com>).

AS FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM O SUJEITO

O estruturalismo não se preocupou com o sujeito (não estamos falando aqui de sujeito da gramática, da língua, mas sujeito do discurso). A AD vai à busca desse sujeito, até então descartado, e vai encontrá-lo, em parte, na psicanálise, apresentado como um sujeito descentrado, distante do sujeito consciente (o sujeito do subconsciente); a outra parte, ela vai encontrar no materialismo histórico, na ideologia althusseriana o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia.

A AD passou por três fases, acompanhemos

Althusser faz uma releitura da teoria marxista em “Aparelhos Ideológicos do Estado” – ele defende que a classe dominante detém os aparelhos repressores do Estado e os aparelhos ideológicos, isto é, impõe seu poder pela força e pelas idéias (Althusser, 1985).

PRIMEIRA FASE: MÁQUINA DISCURSIVA

Interdiscurso

É o conjunto de discursos que se relacionam entre si, procurando estabelecer uma formação discursiva entre discursos semelhantes ou diferentes.

A primeira fase da AD (AD- 1) é conhecida como máquina discursiva, recebe influência do estruturalismo (sujeito-estrutura). Fase identificada pela AAD (análise automática do discurso). Os discursos são gerados por uma ‘máquina discursiva’, o que provoca um assujeitamento do sujeito, ou seja, esse sujeito é submetido às regras do discurso que enuncia (embora ele tenha a ilusão que é dono do seu discurso). O sujeito é constituído no próprio discurso. Nessa primeira fase, quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou ainda, uma ideologia.

Heterogeneidade

Termo utilizado na AD para explicitar a forma como diversas vozes cruzam o discurso do outro e se completam ou se contrapõem em sua execução. Segundo Authier (1982), ela pode ser mostrada ou constitutiva.

SEGUNDA FASE: FORMAÇÃO DISCURSIVA

Fase (AD- 2) marcada pelo conceito e papel da formação discursiva (FD) - conjunto de regras anônimas, históricas que determinam o que um sujeito pode ou não dizer. Uma FD pode ser invadida por outras FDs. Mussalim (2004, p.119) afirma que “o espaço de uma FD é atravessado pelo “pré-construído”, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança”. Surge, então, a noção de **interdiscurso** – o exterior de uma FD que aparece em seu interior. O sujeito ainda conserva seu efeito de assujeitamento. A preocupação pela noção de **heterogeneidade** discursiva mina a concepção de FD.

Acompanhem algumas definições de FD:

Orlandi, 2001

“A formação discursiva se define como aquela que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.”

Brandão, 2004.

“São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”.

Mussalim & Bentes, 2004

“Os diversos discursos que atravessam uma formação discursiva não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Será a relação interdiscursiva, portanto, que estruturará a identidade das formações discursivas em questão”

Pêcheux, 1990:

Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado



Monumento na Praça Castro Alves - Salvador, Bahia (Fonte: <http://www.ua.pt>).

sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”.

TERCEIRA FASE: O INTERDISCURSO

AD-3: destaca-se a alteridade discursiva - formas lingüístico-discursivas do discurso do Outro. Verifica-se que a busca da identidade discursiva é atravessada pela questão da alteridade. O primeiro perde a sua centralidade quando o segundo passa a fazer parte de sua identidade, assim temos um sujeito heterogêneo, clivado. Confirma-se, nesta fase, o primado do interdiscurso sobre o discurso.

A partir dos anos oitenta, Maingueneau (2006) afirma que, na história da AD francófona, a noção de FD, tão valorizada de início, vai sofrer um grande declínio; sem, contudo, se apagar. “Continua ainda bastante utilizada, mas com um estatuto que não é muito claro” (p. 09). Ocorre o que ele chama de “marginalização” da noção de FD, e, desse modo, “um desvio da análise do discurso”. Na atualidade, os analistas de discurso de algumas Universidades estão longe das linhas defendidas aos moldes Foucault e Pêcheux, enquanto outros grupos de pesquisa permanecem fiéis ao posicionamento de Pêcheux.

DIALOGISMO, POLIFONIA E HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

O dialogismo, processo fundador da linguagem, recebe respaldo em várias colocações de Bakhtin (1997), contudo, por enquanto, vamos destacar duas:

“A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. E precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas” (p. 183)

“Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalingüística, que ultrapassa os limites da lingüística e possui objeto autônomo e metas próprias”. (p. 183)

A concepção bakhtiniana de linguagem como interação destaca o dialogismo, assumido, principalmente, com dois sentidos: todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor, logo toda linguagem é fruto de um acontecimento social; o **texto** sempre responde

Texto

Unidade que para ser compreendida exige um conhecimento prévio das condições sociais e ideológicas em que foi formado. Elemento construído semanticamente no espaço discursivo de interlocutores.

a um outro texto, ou internaliza vozes de um outro discurso (interdiscursividade, heterogeneidade).

Considerando esse aspecto fundador, nenhuma palavra seria nossa, ela sempre traz a perspectiva de uma outra voz. O texto seria então o “ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas” (...) ele seria “tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras” (BARROS, 1999, p.4).



Polifonia

Fenômeno lingüístico em que todo discurso é tecido por outro discurso, através de várias vozes que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com os quais o locutor se identifica ou não.

Heterogeneidade mostrada

É a forma pela qual o discurso torna-se detectável no decorrer de um texto. Ela nos revela a que vozes os discursos necessitam recorrer para se constituir, ao mesmo tempo em que possuem relação com estas em campos discursivos diferentes. Ela pode ser dividida em marcada e não-marcada.

Diálogo (Fonte: <http://ead.mackenzie.com.br>).

Assim, O termo **polifonia** designa o fenômeno da manifestação de vozes, as quais são ouvidas num mesmo texto, falando de perspectivas ou pontos de vistas diferentes. Essas vozes que se cruzam determinam o fenômeno da heterogeneidade, ele indica as falas dos outros discursos na infinita corrente da construção da linguagem, foi Authier-Revuz que procurou mostrar as marcas explicitas do que ela chama de **heterogeneidade mostrada**.

A heterogeneidade mostrada pode acontecer através de formas marcadas ou não marcadas, sendo marcadas no caso do discurso direto, do discurso indireto, das aspas, do itálico e do metadiscurso do locutor (comentários, expressões etc.), e não marcada, o caso do discurso indireto livre, dos jogos de linguagem, sendo possível perceber a que vozes os discursos devem recorrer para criarem sua historicidade.

Dentre os aspectos linguísticos de que a língua dispõe para marcar essa polifonia, evidenciaremos, entre outras, o discurso direto, o discurso indireto, as aspas e a negação. Entre os não-marcados, ressaltaremos a ironia.

DISCURSO DIRETO

O próprio Bakhtin já afirmara: “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2002, p. 144). O discurso do Outro pode entrar tanto no discurso quanto na sua construção sintática, “em pessoa”, formando uma unidade integral da construção. “Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou” (op. cit.).

DISCURSO INDIRETO

Já no DI, o “narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colorir-lo com as suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (BAKHTIN, 2002, p. 150). O DI registra de maneira diferente o discurso do Outro; “ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” (BAKHTIN, 2002, p. 159).

As aspas: Maneira de se manter distância do que se diz, colocando a responsabilidade para o outro. Aqui, segundo Silva (2005), é explicitado a heterogeneidade mostrada, em que as aspas vão indicar que a expressão não pertence a quem a pronuncia, mas a um locutor, podendo este ser identificado ou não no texto. Ao utilizar este recurso, o locutor tenta eximir-se ou distanciar-se da responsabilidade sobre o que está sendo dito.

A ironia: Segundo Maingueneau (2001) a enunciação irônica desqualifica a si mesma e subverte no mesmo instante em que é proferida. Este é um caso de polifonia, em que o enunciador profere seu discurso seriamente, mas que na verdade o classifica como sendo ridículo tal ato no enunciado.

Negação: A negação constitui a teoria polifônica quando em um enunciado negativo distingue duas proposições, a primeira é mencionado o que se quer transmitir e na segunda é negado o que se foi dito, fazendo uma distinção entre o locutor/enunciador. Nesse contexto, existem dois enunciadores, o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado, e o segundo assume a rejeição desse ponto de vista.

Exemplo: “Eu não estou gordo”. (Ronaldo Fenômeno – Folha Online, 16/06/2006) em resposta à exposição de caricaturas preparada em São Paulo, (para homenagear os famosos jogadores de futebol do mundo).

Esta negação é resposta a uma outra voz que afirma que Ronaldo está gordo.

Vamos ver como podemos acompanhar esses aspectos em textos:

Textos: análise de marcas polifônicas

Quadro 1: texto com DD, DI e aspas

Parag	Marcas polifônicas	Texto
1	Título: AspasA que voz social se refere a palavra “vive” utilizada com aspas? Marca a fala do presidente da ANAC	30/06/06 às 16:18 Varig “vive” “ e comprador herdará todas as linhas
2	Chamada da matéria: Aspas e discurso indiretoVerificamos o uso do discurso indireto e aspas para marcar a fala do locutor e do jornalista.	Presidente da Agência Nacional de Aviação Civil afirmou que a companhia opera “normalmente”, apesar das linhas estarem “congeladas”Por Simone Menocchi e Renata Stuani
3	Matéria (1º parag): DI, aspasIndicamos mais uma vez os recursos lingüísticos utilizados no texto e enfatizam os o efeito discursivo gerado a partir dessa prática.as jornalistas intercalam sua voz e a do entrevistado	São José dos Campos, 30 (AE) – O presidente da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Milton Sérgio Zuanazzi, disse hoje (30) de manhã, na sede da Embraer em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, que a Varig está operando “normalmente” e que as linhas da companhia estão “congeladas”, porque quem comprar a empresa levará todas as linhas apesar do cancelando de diversos vôos. Segundo ele, somente após 30 dias de paralisação total da companhia haverá distribuição dos vôos para os concorrentes.

<p>4 Matéria (2º parag.): DD, DI, aspas, DDA fim de autenticar a veracidade das informações, a jornalista opta pelo DD no 2º parag. E para variar os recursos discursivos, mais uma vez utiliza o DI, as aspas e novamente o DD. Esses recursos são indicativos de como as vozes podem se manifestar em um texto.</p>	<p>“A Varig está viva. O programa de emergência não deixou nenhum passageiro em casa até agora, ninguém deixou de chegar. Houve transtornos, mas foram resolvidos”, afirmou Zuanazzi, que participou da cerimônia de certificação do jato comercial Embraer 195. Sem esconder a expectativa sobre a compra da Varig, Zuanazzi disse que gostaria que o problema fosse resolvido “hoje” e acredita que até terça-feira os vôos sejam retomados normalmente. “A Varig que solicitou este prazo até dia três. Não sabemos se será preciso prorrogá-lo.”</p>
<p>5 Matéria (3º parag.): DD, DI observe como ocorre a intercalação na escolha entre os DD e DI. Ressaltamos mais uma vez as vozes do locutor e da jornalista.</p>	<p>Zuanazzi explicou o plano de estratégia para atender os passageiros. “Nas rotas nacionais a Anac opera com as demais empresas e a demanda está diminuindo já que desde a semana passada as passagens não foram mais vendidas. De acordo com a demanda, e por causa do período de alta temporada estamos autorizando vôos extras das outras empresas”. Informou também que nas rotas internacionais a Varig colocou aviões menores e fez acordos com outras empresas. “E antes que vocês perguntem, na Alemanha está operando normalmente”.</p>

Veja que no final do texto o presidente informou sobre o vôo operando normalmente na Alemanha. Por que ele acrescenta essa informação? O que estava ocorrendo na Alemanha em 2006? A Copa Mundial, lembra? Por isso era importante o presidente da ANAC destacar esse aspecto, pois muitos brasileiros estavam viajando para a Alemanha.

Quadro 2: ironia e negação

n	polifonia	textos
1	Destacamos as duas vozes presentes no texto: a do locutor e a do editor. observe como ocorre a ironia na fala do editor. Também é relevante saber que Ana Maria Braga é Bióloga, então sua afirmação sobre a água precisa ser analisada sob essa ótica, a fim de reacentuarmos a ironia.	(V/012– 10/01/01) “ <i>A água tem um grande poder de transmitir energia. Além disso, umedece o ambiente quando o ar-condicionado o deixa ressecado.</i> ” Ana Maria Braga , apresentadora da Rede Globo, <u>que descobriu as qualidades umectantes e de condutividade da água.</u>
2	Apontamos o uso do adjetivo (pobre) e o substantivo (bagatela) como índices que podem lhe orientar para a leitura irônica do posicionamento do editor. Pode-se também explorar a negação na fala do locutor como sendo resposta a uma outra voz que afirmava que ele brincava de trabalhar.	(V/479 – 27/06/01) “ <i>Não estou brincando de trabalhar. Tenho filha pequena para criar e uma pilha de carnês para pagar.</i> ” Fausto Silva , o <u>pobre</u> Faustão da Globo, que ganha <u>uma bagatela</u> acima de 1 milhão de reais por mês, preocupado com o leite das crianças.

ATIVIDADES



1. Identifique a **heterogeneidade** marcada e explique os efeitos de sentidos que trazem para o texto (siga o modelo que fizemos no exemplo analisado na aula):

05/05/06 às 13:29 Garotinho admite pela primeira vez inviabilidade de candidatura

“Atingiram o objetivo: me encheram de denúncia, anteciparam a convenção onde vão dizer que cá nas pesquisas e por isso não posso ser candidato” RIO DE JANEIRO.

– Pela primeira vez desde que começaram as denúncias de irregularidades sobre as doações para sua pré-campanha à Presidência, o ex-governador do Rio Anthony Garotinho admitiu que sua candidatura não é mais viável. Eu não tenho mais ilusão. “Minha candidatura só sai por um milagre” disse ele em entrevista à radio Tupi hoje de manhã.

“Atingiram o objetivo: me encheram de denúncia, anteciparam a convenção onde vão dizer que eu cá nas pesquisas e por isso não posso ser candidato”.

Garotinho atribuiu as denúncias a uma estratégia usada por seus inimigos para lhe destruir. “Isso tudo foi armado por um triângulo formado

Heterogeneidade marcada

Aparece de modo único e pode ser identificada através do discurso direto ou indireto, aspas, itálico.

pelos bancos, pelo presidente Lula, que sabe que se eu for candidato ele não ganha, e por gente de dentro do PMDB”, disse, também, na entrevista.

Pela primeira vez ele citou nomes de outros peemedebistas que teriam interesse em armar as denúncias. Para Garotinho, os senadores José Sarney, Renan Calheiros e Ney Suassuna, todos da ala governista do partido, são alguns dos responsáveis pela crise que atingiu sua candidatura.

Na entrevista à rádio, Garotinho voltou a dizer que só vai parar a greve de fome, iniciada no domingo, quando obter direito de resposta na revista *Veja* e nos veículos das Organizações Globo. No quinto dia de greve de fome, Garotinho acordou às sete da manhã, e recebeu a visita do médico Abdu Neme; do presidente da Assembléia Jorge Picciani (PMDB) e do deputado federal Eduardo Cunha (PMDB).

(Fonte: <http://www.oi.com.br/data/Pages/>)

CONCLUSÃO

Na conclusão desta aula, gostaríamos de acrescentar que além da AD, também existe a ACD (Análise Crítica do Discurso), leia um pouco sobre ela. Para ler o artigo completo, visite a página indicada abaixo do fragmento recortado.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS)

(...)

Já em 1990, devido aos estudos limitadores de algumas teorias em Análise do Discurso (AD), surge a Análise Crítica do Discurso (ACD). Um marco para o estabelecimento dessa nova corrente na Linguística foi a publicação da revista de Van Dijk, “Discourse and Society”, em 1990. Entretanto, é importante acrescentar publicações anteriores, como os livros: “Language and power”, de Norman Fairclough, em 1989; “Language, power and ideology”, de Ruth Wodak, em 1989; e a obra de Teun van Dijk sobre racismo, “Prejudice in discourse”, em 1984.

Janeiro de 1991 foi um mês importante para o desenvolvimento dessa nova perspectiva da linguagem, tendo como pano de fundo um pequeno simpósio em Amsterdã. Vários nomes, hoje relevantes em ACD, se reuniram por dois dias: Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van

Leeuven e Ruth Wodak. O interessante é que eles apresentaram diferentes enfoques de estudo. Dessa forma, esse tipo de análise surgiu com um grupo de estudiosos, de caráter internacional e heterogêneo, porém, estreitamente inter-relacionados.

Propostas da ACD

A ACD propõe-se a estudar a linguagem como prática social e, para tal, considera o papel crucial do contexto. Esse tipo de análise se interessa pela relação que há entre a linguagem e o poder. É possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (WODAK, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

(Fonte: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>).

RESUMO



Você acompanhou um pouco da contribuição da Análise do Discurso. A proposta de um novo objeto chamado discurso surgiu com Michel Pêcheux em sua tese *Análise automática do discurso*. A concepção de ideologia abraçada pela AD será a proposta por Karl Marx (1818-1883). Concepção que vem se coadunar um com Bakhtin (2004), quando afirma que toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica. Com esse mesmo pensamento, Michel Pêcheux afirma que o sentido das palavras não pertence à própria palavra, não é dado diretamente em sua relação com seu sentido literal. Outro ponto destacado na aula foi as fases da AD. A primeira fase da AD (AD-1) é conhecida como máquina discursiva, pois os tipos de discursos analisados eram muito fechados. Para AD-2, a FD tem um espaço que vem a ser atravessado por outras FDs, aquela FD determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Ela será invadida por elementos que vêm de outro lugar, de outras FDs, não será mais fechada como em AD-1. Em AD-3, o sujeito é heterogêneo, com a sua voz estão muitas outras vozes de outros discursos que vieram antes do seu. Fizemos também um estudo de como podemos identificar as vozes que estão no texto: heterogeneidade.

Aula compilada e adaptada de **Tópicos de Análise do Discurso na prática escolar: casos de discurso reportado e a polifonia discursiva**. Cleide Emilia Faye Pedrosa, Ana Sabrina de Oliveira Leme Domingues e Oliveira, Ivana Maria Dias; PEDROSA, Cleide Emília Faye. **A enunciação do outro no discurso de magistrados**. In: PEDROSA, Cleide Emília Faye Pedrosa et al. (orgs.). **Mapeando teorias e práticas textuais**. Rio de Janeiro: CRJE, 2008, p. 91-108.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. V. Borges. Língua, história e ideologia. **Leitura - Análise do Discurso**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL), Maceió, n. 23, jan/jun - 1999, p. 25-46.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Ed. UNESP/Boitempo, 1997.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- FOULCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1969.
- _____. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2001.
- _____. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução: Márcio Venício. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.
- _____. **Novas tendências em análise do discurso**. Unicamp: Pontes, 1997.
- MARI, Hugo. **Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Carl Borges - Fale -UMG, 1999.
- MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (org). 4ª ed. **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes: Campinas: UNICAMP, 2005.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

-----. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez: Campinas: UNICAMP, 1987.
PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Tópicos em análise do discurso**: sujeito e polifonia. Minicurso apresentado na UFS, 2006 (inédito).
SERRA, Giane Moliari Amaral. **Saúde e nutrição na adolescência**: o discurso sobre dietas na Revista Capricho. (disponível em www.portalteses.cict.fiocruz.br, acesso em: 23/05/06).
SILVA, Gustavo A. P. da. **Pragmática**: as representações do Eu e seus efeitos de sentido. A ordem dêitica do discurso. São Paulo. Enelivros, 2005.

Consulte:

FOLHA DE SÃO PAULO (disponível em www.folhaonline.com.br, acesso em 28/06/06)
PORTAL TERRA (Disponível em: www.terra.com.br, acesso em 28/06/06)
REVISTA CONTIGO (disponível em www.contigoabril.com.br, acesso em 27/06/06)
REVISTA TELEFÔNICA (disponível em (www.itelefonica.com.br. Acesso em 28/06/06).
REVISTA VEJA (disponível em www.vejaonline.com.br, acesso em 28/06/06)